

Poeta, músico, artista, criador,  
o quinto imperador romano foi também  
uma das mais pavorosas figuras que  
já desonraram um trono



# Nero: O Tirano Mais Espetacular da História

ERNEST O. HAUSER

“**A**LGUNS CRISTÃOS eram cobertos com peles de animais e despedaçados por cães; outros eram amarrados a cruces e queimados de noite para servirem de tochas. O imperador dava êsse espetáculo em seu circo particular e misturava-se com a multidão vestido de condutor de carro de corrida.” Assim escreveu o historiador Tácito.

Quem era o diabólico empresário? Nero, imperador de Roma, que governou com uma ferocidade que chegou a provocar a sua própria ruína. Não obstante, êsse tirano era também um homem de muitos talentos, e quando um oráculo predisse a perda de sua coroa imperial, êle respondeu calmamente: “Nesse

caso ganharei a vida como artista.”

Nero carregava um pesado fardo de hereditariedade: não faltavam malfeitores em sua árvore genealógica. Sua mãe, a bela e inescrupulosa Agripina, era irmã do Imperador Calígula, que matou e torturou centenas de pessoas por puro prazer. Ela mesma matou o padrasto de Nero com um prato de cogumelos envenenados. O pai de Nero, um funcionário que morreu quando Nero tinha três anos, era conhecido trapaceiro e desordeiro, com várias mortes nas costas.

Nero nasceu em 37 d.C. na elegante cidade praiana de Anzio, perto de Roma, e foi criado por uma tia na mais completa mediocridade,

tendo uma dançarina e um barbeiro por tutores. Depois que sua mãe viúva se casou com o Imperador Cláudio, ela convenceu-o a adotar o menino e posteriormente a designá-lo herdeiro do trono em lugar do filho de Cláudio, o pequeno Britânico. Agripina matou Cláudio antes que êle tivesse tempo de mudar de idéia, e os guardas do palácio, com a promessa de uma rica recompensa, aclamaram imperador o flácido Nero de 16 anos.

**Assassinato à Romana.** O império que êle herdou cobria grande parte do mundo então conhecido. Ia da Grã-Bretanha a Marrocos e do Atlântico ao Mar Cáspio. Roma era o centro. Tôda autoridade se havia concentrado ali em uma só pessoa, cujo poder se apoiava nas legiões. O povo não tinha voz, o Senado não tinha poder. De fato, se não de direito, o imperador era administrador, legislador, juiz e sumo-sacerdote.

Mal foi instalado como imperador, o jovem Nero Cláudio começou a refletir se Britânico não tentaria reivindicar o trono do pai. E orientado por uma perita envenenadora, a bruxa Locusta, que preparara o prato de cogumelos de Cláudio, êle arranjou uma beberagem letal. Misturada sorrateiramente na bebida de Britânico durante uma refeição no palácio, a beberagem lançou o menino de 14 anos em um espasmo fatal. Todos os presentes ficaram olhando espantados, enquanto Nero explicava que era apenas "um ataque epiléptico", e continuava a comer des-

preocupado. Êsse foi o seu primeiro assassinato registrado pela História.

Mas êle ainda não exercia a autoridade suprema. Agripina esperara participar do exercício do poder, e freqüentemente agia como se fôsse imperatriz. Aborrecido, Nero concebeu um projeto diabólico. Depois de levá-la a uma festa à beira-mar, mandou-a de volta a Roma em grande pompa numa barca feita especialmente para a ocasião. Como fôra planejado, a barca desmantelou-se à noite em águas profundas. Mas Agripina salvou-se nadando, e ao amanhecer mandou um mensageiro ao outro lado da baía avisar Nero de que ela estava salva. Era demais. Enquanto ainda falava com o mensageiro, Nero deixou cair uma adaga e gritou que Agripina mandara o homem para matá-lo—motivo suficiente para que ela fôsse executada. E foi.

A vida doméstica de Nero sempre foi agitada. Aos 15 anos êle casou com a filha de Cláudio, Otávia, de 13 anos—mas não gostou do temperamento sossegado da môça e logo a banuiu para uma ilha e depois mandou matá-la. Matou também a segunda espôsa, Popéia, quando ela o criticou por ter chegado tarde em casa. Sua terceira espôsa foi Statilia, cujo marido Nero liquidou para se casar com ela.

**Cantor Corpulento.** Moedas de bronze de seu reinado mostram Nero como um homem de pescoço taurino, sobancelhas hirsutas, nariz chato, bôca severa. Os olhos eram azul-cinzentos, os cabelos bem arrumados em

anéis. A barba era loura e frisada (depois êle a rapou). O tronco bojudo era apoiado em duas pernas finas. Às vezes êle dava audiências vestido com um roupão aberto e sandálias. Tinha uma doença de pele e cheirava mal.

Por estranho que pareça, os primeiros anos do Imperador Nero foram dos mais prósperos e tranqüilos da História de Roma. Seu demônio interior parecia contido por seu velho tutor e conselheiro, o filósofo Sêneca. O imperador novato reduziu impostos, instituiu pensão para a velhice, decidiu admiravelmente como juiz, esparziu benefícios aos pobres, nomeou homens de bem para governadores das províncias. Seria tudo isso feito de propósito para enganar? O mais provável é que Nero se tenha empenhado realmente em ser um bom imperador, até que sua fraqueza básica afogou suas boas intenções.

Desde a primeira infância Nero mostrou tendências artísticas. Pintava, experimentou esculpir, tinha bom ouvido para a música. Falava fluentemente o grego e o latim, apesar de ter tido uma educação falha—desvantagem que êle compensava com sua agilidade mental. Sua poesia era tão suave que até os amigos pensavam ser escrita por outro. Êle contratou o melhor cantante de Roma para ensiná-lo a cantar, e logo resolveu cantar em público. Para a estréia escolheu Nápoles, onde teve um sucesso estrondoso. Ter um imperador no palco, cantando e dedilhando a lira, levou os napolitanos ao delírio.

Apesar de seu nervosismo no palco, êle passou a tomar parte nos acontecimentos musicais de Roma e fêz o papel principal em várias óperas. Construiu um teatro ao ar livre e um circo no jardim do palácio e convidava a população para ouvi-lo cantar. Nos festivais em que havia prêmios, Nero pedia ao júri que fôsse justo. Com o passar do tempo êle foi perdendo êsse *fair-play*, e mandava desclassificar os concorrentes rivais e fechar as saídas enquanto cantava.

**Pão e Circos.** Elementos das principais famílias romanas eram chamados para se apresentarem como amadores. Espôsas de senadores apareciam no palco, um nobre foi obrigado a montar um elefante em cima de uma corda. O povo adorava tudo isso. “Pão e circo” era o que o povo queria e o que Nero lhe dava. Animais selvagens de terras distantes eram exibidos na arena—muitas vezes em combate sangrento com gladiadores ou prisioneiros condenados à morte. As corridas de carros eram a grande paixão de Nero. Êle mesmo dirigia o seu, e sempre que “competia” era o campeão.

Sua extravagância era o assunto de tôdas as conversas. Êle jogava fazendo apostas altíssimas e distribuía prêmios jamais vistos a gladiadores e artistas: uma quinta, um quarteirão inteiro de cidade, um navio. Ia a piqueniques acompanhado por um séquito de 1.000 carruagens puxadas por mulas com ferraduras de prata. Quando não havia dinheiro para pagar o Exército, êle confiscava for-

tunas particulares. Revogou a legislação fiscal liberal de seus primeiros tempos, roubou os tesouros dos templos e adulterou a cunhagem de ouro e prata.

“**Nerópolis**”. Teria êle tocado lira “enquanto Roma ardia”? Muitos historiadores modernos tratam essa lenda com reservas. Sabemos que, na noite de 18 de julho de 64 d.C., com luar e vento, irrompeu um incêndio em algumas lojas, e as chamas logo se espalharam pela capital. O incêndio durou uma semana. Nero, que estava em Anzio, correu para ajudar a apagar as chamas. Três dos 14 bairros de Roma foram totalmente destruídos, sete ficaram seriamente danificados. Embora o imperador acolhesse os desabrigados nos edifícios públicos e no seu jardim particular, e tomasse providências para evitar a especulação, circulou o boato de que Nero fôra o incendiário. Alguns chegaram a dizer que o viram no alto de uma torre sôbre o mar de chamas, vestido de ator, tocando a sua lira e cantando.

Nero tratou de dar a Roma uma feição nova. Com suas avenidas retas, seus pórticos, seus bonitos edifícios de cobertura plana, a cidade renascida—que se chamaria “Nerópolis”—era muito mais saudável do que o aglomerado de ruas tortuosas que o incêndio destruíra. No centro vazio, Nero construiu para êle uma “Casa Dourada” cercada de vinhas, bosques e lagos. Uma passagem de 1.500 m em colunata levava ao edifício principal. No vestíbulo havia

uma estátua de Nero, de 35 metros. Partes do edifício eram revestidas de ouro. Os tetos giravam para deixar cair chuvas perfumadas ou pétalas de rosas. Tôda a casa era apinhada de preciosos objetos de arte.

“Ah”, disse o imperador, “finalmente posso viver como um ser humano!”

Enquanto isso, a opinião pública fizera-se mais ameaçadora. Já se dizia abertamente que Nero incendiara a cidade para abrir espaço para o nôvo palácio. Procurando alguém em quem pôr a culpa, Nero encontrou os cristãos. Primeiro acusou-os de incendiários, depois de “ódio à raça humana”. Foi uma escolha inteligente. O aspecto secreto de seu culto tornava os cristãos impopulares; além do mais, a maioria eram pobres, escravos, estrangeiros, e assim podiam ser perseguidos com um mínimo de risco. Mas no fim a desenfreada crueldade de Nero desgostou até os romanos mais insensíveis, que perceberam, segundo Tácito, que as matanças não eram para o bem geral, mas para satisfazer os instintos selvagens de um homem.

**Reinado de Terror.** Sempre desconfiado dos que o cercavam, Nero descobriu por fim uma conspiração para matá-lo. Alucinado de medo e ódio, decretou o estado de sítio. O terror varreu Roma. A simples menção de um nome bastava para liquidar uma pessoa. Senadores, cidadãos influentes, elementos da guarda—culpados e inocentes—eram sentenciados sumariamente. Muitos eram

decapitados, outros recebiam ordem de se suicidar, e morriam tomando veneno ou cortando uma veia. Sêneca ditou calmamente suas últimas palavras com os pulsos já cortados e sangrando.

O Senado, derradeiro repositório das velhas virtudes romanas, agora detestava Nero unânimemente. O povo também estava farto de suas extravagâncias imperiais. Suas estátuas foram ultrajadas, inscrições insultuosas apareciam nas paredes. Não havia mais dinheiro no Tesouro. Finalmente, tropas romanas se rebelaram na Gália. Contingentes do Norte da África e da Espanha aderiram à revolta. Já marchavam exércitos contra Roma. Oficiais e administradores abandonavam seus postos.

Nero implorou aos guardas do palácio que o ajudassem a fugir—e encontrou uma fileira de rostos impassíveis. Frenético, o imperador escreveu um discurso pedindo perdão ao povo, mas não teve coragem de ir ao Forum pronunciá-lo. Finalmente foi dormir, mas acordou à meia-noite com um sobressalto. Os guardas tinham partido, o palácio estava praticamente deserto.

**Morte do Anticristo.** Nero jogou um casaco velho sobre a túnica e, com quatro ajudantes, cavalgou na noite fria de junho para a casa de um seu antigo escravo chamado Faon. Aí, sentando-se num catre sujo no porão, pediu aos ajudantes que abrissem uma cova para ele no quintal. Enquanto os ajudantes abriam a cova, chegou um correio

com um aviso: o Senado declarara Nero inimigo público e condenara-o à morte por açoites.

Nero experimentou as pontas de suas duas adagas, mas não teve coragem de usá-las. Suplicou a um de seus homens que se matasse na frente dele para ele ver como era. Nenhum deles quis atender. De repente, ao amanhecer, ouviram tropel de cavalos se aproximando. O esconderijo fôra denunciado. Nero pôs uma adaga na mão firme de um ajudante e apontou-a para a própria garganta. “Que grande artista o mundo vai perder!”, teria ele dito.

Ele viveu apenas 31 anos, quase 14 dos quais como cabeça do maior império do mundo. Os romanos deram-lhe um grande funeral, como convinha ao último governante da linhagem de Júlio César. O idoso Galba foi proclamado imperador pela guarda imperial—e assassinado sete meses depois. Oto, que lhe sucedeu, suicidou-se. Vitélio, o seguinte, foi assassinado. Os historiadores chamam ao período 68-69 d.C. “o ano dos quatro imperadores”.

Foi uma era cruel. Outros homens que ocuparam o trono podem ter sido tão depravados quanto Nero; mas o reinado de Nero deixou um arranhão peculiar na História. Os cristãos chamavam-no de Anticristo, e durante séculos prevaleceu a crença de que ele se ergueria de novo para desafiar a Deus. Mas a luz que vinha do Oriente, e que ele tentara em vão apagar, por fim dissipou as sombras sangrentas da Roma Imperial.



## Êstes carros têm a mesma transmissão automática do Ford LTD

Apostamos que você já deve saber quais são. À esquerda está o Mustang, no centro o Torino e à direita o Thunderbird. O que existe de comum entre eles e o nosso Ford LTD não é apenas a transmissão automática, nem a qualidade de marca. O nosso Ford LTD tem as mesmas características dos carros importados de alto luxo. Direção hidráulica. Ar condicionado\*. Freios auto-ajustáveis. Troca de óleo a cada 10 mil km. Lubrificação para 50 mil km.

Possante motor de 190 HP. E o silêncio como prova de qualidade. O Ford LTD é mais um automóvel de categoria internacional fabricado pela Ford. Não nos Estados Unidos, mas no Brasil. Isto traz algumas vantagens concretas para você que já está na faixa de carros dessa categoria. O preço (O LTD custa a metade de um importado de luxo). E as facilidades de manutenção e assistência técnica em todo o País. \* Opcional



**FORD LTD** 

Em 1970 a Ford dá a você o privilégio da escolha.